**A**CONSELHANDO os filhos que queimassem seus papéis\_ rascunhos, esboços, tudo que ficara como massa ainda informe de sua literatura, bem como as cartas que, ao longo de quatro décadas, escrevera a Lobato, “por se tratarem de coisas sem valor literário” \_ Godofredo Rangel dava, ao morrer, mais uma prova de sua proverbial modéstia. Ou seria a frustração do intelectual em relação à sua função de escritor, da inteligência e do trabalho insano, num País cada vez menos interessado na cultura, e mais afastado dos verdadeiros valores espirituais da humanidade? Haveria, também, nesta recomendação um pouco de ironia e do sarcasmo que castigam, em primeiro lugar, o próprio autor, ao reconhecer a inutilidade de uma vida, toda ela dedicada primordialmente à criação literária, à frustração de uma inequívoca vocação artística que, embora se realizando internamente com grandeza, não consegue furar o bloqueio da burrice e da insensibilidade de uma sociedade e do sistema de cultura mais afeita aos estrondos da festa de delírios que ao recolhimento da reflexão que propicia a verdadeira festa do espírito. Aí estaria, por certo, a visão antecipada do que, no ano de seu centenário, neste decisivo e sintomático 1984, seria o seu País massacrado e chegando quase ao fim de sua resistência.

Mas, mineiramente, com esse débil brilho de esperança, abre-se uma brecha que garante a sobrevivência do legado do escritor para o quadro do patrimônio cultural brasileiro: ele próprio, em uma nota afixada na pasta de suas cartas a Lobato, deixa a critério dos filhos a seleção daquilo que lhes parecer literariamente relevante. Mais uma ironia rangelina, que cria para sua obra não-publicada, uma espécie de purgatório, que o interesse dos pósteros poderia ou condenar ou salvar. Assim, caberia principalmente ao interesse universitário a pesquisa e a sistematização desse imenso legado, recuperando-o, retrabalhando-o, retirando dele a matéria que se fizesse importante para a compreensão da vida e da obra do escritor.

As cartas que escreveu a Lobato\_ projeção do longo convívio intelectual à distância\_ Rangel sempre se negou a publicá-las, alegando desimportância cultural. Afirmava que seu único mérito, se é que o tinham, teria sido o de provocar as respostas de Lobato. Na verdade, “vistas como estão na “Barca de Gleyre”\_ retrabalhadas, revisadas, refundidas, com cortes e acréscimos circunstanciadas pela perspectiva de publicação, embora mantendo o tom e o essencial dos originais\_ as cartas de Lobato ganharam um ar de coisa definitiva, cuja qualidade literária e importância como testemunho de um tempo e de uma vida, são inegáveis. As cartas de Rangel, como estão no original, quase todas manuscritas (rabiscos hieroglíficos, reclamava Lobato) são uma massa de humanidade sincera e sem rebuços, e dão uma medida mais precisa e mais emocionante do escritor mineiro, esclarecendo mesmo alguns aspectos que ficaram em aberto na “Barca de Gleyre”. Se são hoje o complemento indispensável das cartas de Lobato, constituem mais ainda o foco esclarecedor da personalidade literária e humana de Godofredo Rangel.

Lobato, tal como o vemos na “Barca”, age ágil e brilhante, reluzente na sua inteligência e dinamismo, sob alguns aspectos revolucionário, sob outros paradoxalmente reacionário, exercendo, de certa forma, influência repressiva sobre Rangel. Os êxitos de Lobato, literários, afetivos, sociais e econômicos contrastam com a vida desesperantemente medíocre do escritor e juiz de direito da província, afundado no interior sul-mineiro, sem os confortos básicos como a luz elétrica, e onde são raros os homens de inteligência e cultura que lhe propiciem o conforto intelectual das conversas além do corriqueiro provinciano.

E é assim que Rangel vai encontrar na correspondência com Lobato (e com outros escritores como Ricardo Gonçalves, A. J. Nogueira e Menotti Del Picchia) o meio de escapar à mediocridade geral da província. É certamente por essas razões que suas cartas estão vasadas de confidências. Ao amigo, Rangel nada esconde; ao contrário expõe-se “perigosamente”: vai lhe dizendo da vida, de suas mais íntimas contingências, ao mesmo tempo que discute literatura, as obras que ambos vão realizando, submetendo um ao outro suas produções, um interferindo criticamente na obra do outro, discutem os autores lidos ou que estão sendo lidos.

Essas cartas testemunham, dessa maneira, a escalada do homem e do intelectual, suas buscas e inquietações, as angústias e dúvidas que o assaltam, as dificuldades por que passa, em todos os níveis. Vemos o jovem brilhante amadurecer, cheio de vida e esperança. Vemo-lo inteligente, mas algo ingênuo, discutidor, transformar-se no obcecado e irônico retratista da vida do interior mineiro, projetando nas suas criações certa amargura decorrente de sua impotência diante da vida, de seu destino. Alguns sonhos, poucos. A sensibilidade que o faz viver tensa e intensamente as pequenas vitórias, como toda a frustração de uma vida que, dia a dia, vai-lhe fechando as portas de saída.

Mas em suas confissões não vemos a amargura da entrega. Ao contrário, há em tudo um rasgo de paciente reflexão que enriquece a experiência e lhe garante ver, nas próprias derrotas pessoais, alguma lição que lhe conceda condições de novas experiências e possíveis vitórias.

Vemos ainda nas cartas o jovem que se casa, ingênua e romanticamente despreparado para a vida nova. A tragédia das primeiras gestações frustradas em conseqüência dos males da juventude; em seguida a epifania do pai a assistir ao nascimento dos filhos, cujo crescimento ele registra em diários como cita nas cartas, com alegria e preocupação. As naturais dificuldades afetivas no duro cotidiano, que se refletem ou se projetam em contos e romances.

Ao se dar, sem reservas, nestas cartas, Rangel está a escrever sua própria e completa biografia, com muito maior força e “autenticidade” do que fez no próprio diário. Enquanto que o diário funciona como um exame de consciência, na fala consigo próprio, cuja resposta é o próprio eco de suas próprias preocupações, a carta vai buscar no interlocutor a compreensão, o aval, o afeto: a resposta com palavras novas, e mesmo a discussão que esclarece, ameniza os tons emocionais, reconforta.



A literatura, personagem principal dessa extensa correspondência, encontra nos dois escritores manipuladores ágeis e inquietos. Discutem autores lidos no tempo do “Minarete”, ou que vão sendo “destrinchados”. Lobato, por volta de 1912, está enamorado de Zola, que Rangel acha detestável. Ele prefere Flaubert, vendo nele um artista mais inteligente, capaz de criar personagens mais densos, dentro de uma estrutura de composição mais bem elaborada e moderna, ao passo que Zola, na sua prodigalidade criativa, faz seus romances como borrões, rascunhos, sem repetir-se. Discutem Graça Aranha, adoram Machado de Assis e Maupassant. Admiram Euclides da Cunha, ironizam a Academia. Rangel acha brilhante a linguagem de Rui Barbosa, mas seu brilho não tem enchimento, é só brilho. Mais tarde vão descobrir novos autores, muitos dos quais serão por eles traduzidos. Importantes descobertas para Rangel: Ibsen, Welss, Huxley e Materlink.

A intensidade com que vivem, cada um a seu modo, os anos decisivos da década de 10 e início de 20,

está registrada na intensidade epistolar dessa época, nas cartas extensas com que se brindavam. É o momento das grandes decisões de cada um. Tornam-se maduros, escrevem e publicam a parte fundamental de suas obras, definem suas vidas, decidem seus rumos. Rangel publica em folhetim (“Estado de São Paulo”) o romance “Falange Gloriosa”. Sai em livro (1921) “Vida Ociosa” que estoura como a grande obra do momento, na repercussão nacional entre críticos e público. Lobato, o editor, escreve com prodigalidade (que sinto um pouco afetada) sobre o livro. Mas a carta que escreve a Rangel, na sua intimidade, dá a medida de sua admiração verdadeira. O inesperado nível de sucesso do livro pegou agradavelmente Rangel de surpresa. Abrindo-lhe novos horizontes e esperanças. Intensifica a produção, especialmente dos contos, que submete à apreciação de Lobato, para que sejam publicados. Reescreve “Os Bem Casados” e “Falange Gloriosa”, organiza seus contos para publicação em volume (“Andorinhas e “Os Humildes”). Em carta, propõe a Lobato escreverem juntos um romance, como haviam feito no jornal do “Minarete”, projeto que acaba não se realizando. Rangel oferece um enredo\_ verdadeira antecipação do fantástico, no Brasil\_ que ele acaba escrevendo sozinho, não chegando a concluí-lo, com o título “O Reino da Utopia”.

Joga, por carta, uma interminável partida de xadrez, cujos lances são respondidos por Lobato com displicência. Displicência do ágil Lobato, que se reflete na própria atividade do tradutor, ao contrário de Rangel que, está sempre a consultar, a pesquisar modos de traduzir certos termos. A luta de Rangel com a tradução das dezenas de livro se acha registrada em suas cartas.

Uma preocupação antiga de Rangel\_ a sobrevivência após a morte\_ é citada e discutida ao longo de toda a correspondência. Cético, mas profundamente interessado no conhecimento do assunto, por vezes esperançoso, mas cada vez mais desencantado com as más atuações dos médiuns (ou dos espíritos?) Rangel procura sofregamente a literatura especializada, trocando idéias com Lobato. Este, depois da morte de seus dois filhos, embrenha-se no espiritismo como forma de compensar a trágica perda. Embora cético, Rangel mantém-se à espera de provas, mantendo um afetivo apoio a Lobato.

Desde o trágico suicídio do amigo comum Ricardo Gonçalves, o “dandy” brilhante do tempo do “Minarete”, e depois a morte de cada um dos membros do “Cenáculo”, e outras perdas, a morte vai sendo uma presença cada vez mais pesada e marcante. Pressentem sua inexorável aproximação. Rangel, que viveu sob o peso de doenças, conseguia conviver melhor com a idéia da morte, ao contrário de Lobato, assaltado nos anos 40, por uma crise cardíaca, comentado saborosamente, embora o tom de “piedade” e apreensão, por Rangel. Assim, as cartas dos anos 40 já têm um tom diferente, e indicam que os dois amigos começam a descida. O mesmo que Godofredo Rangel escreveu sobre Lobato, no artigo “O Fim da Barca de Gleyre”, pode ser aplicado a ele próprio. Nas últimas cartas trocadas (Lobato morreu em 1948), ambos vêem a aproximação do fim. Cada um revê a vida que viveu, avalia-a com certa amargura. Teria valido a pena? Não há, porém, desespero, há a consciência da realidade, uma “aceitação crítica” do destino cumprido. O que ele diz de Lobato é, por certo, projeção de seu próprio sentimento do mundo. O envelhecimento, suas limitações e a expectativa do próximo passo. A pergunta: haverá vida depois da morte? Transposta a passagem, poderá o espírito comunicar-se com os vivos? Para Rangel não veio a resposta, aqui. A morte de Lobato levou-o às manchetes dos jornais, com o aparecimento em cena de médiuns que estariam recebendo mensagens do escritor morto. Rangel lê as mensagens e ironiza: não é o estilo lobatiano. Espera, contudo, a senha proposta a Lobato, em uma de suas cartas, como forma de identificação sem erro. A senha não foi dada. Continua o enigma.

Como ocorreu com Lobato, são as cartas que darão a melhor medida do escritor e do homem Godofredo Rangel. Mais do homem, talvez, por que nelas ele se entregou por inteiro, na sua honestidade e sinceridade, que fazem a sua maior grandeza.